

Econ. Brasil

# Os limites do crescimento

12 MAR 1987

ESTADO DE SÃO PAULO

12 MAR 1987

Admitindo-se que o crescimento econômico possa subordinar-se a decretos-leis, conforme parece acreditar o presidente José Sarney, a produção industrial, no presente exercício, deverá enfrentar sério obstáculo ante a impossibilidade, que se apresenta o setor dos bens intermediários, de atender à demanda das outras indústrias e às dificuldades de se recorrer às importações. Aspecto que as autoridades governamentais parecem ter esquecido, apesar do alerta ouvido já no ano passado.

A época, enquanto a demanda interna — medida pelo crescimento das vendas no varejo — subia em valor real a 26,7%, a indústria de transformação experimentava um crescimento de apenas 11,3%. Tal defasagem entre as duas taxas permite entender os problemas de abastecimento, não maiores graças à existência de estoques (reduzidos, porém) e às importações então realizadas. Todavia, o desajuste é ainda maior quando se considera a indústria não como um todo mas como grandes setores. A produção dos bens de consumo duráveis cresceu 20,3%, isto é, a uma taxa próxima da demanda in-

terna. O que foi possível, sem grandes investimentos para aumentar a capacidade de produção, graças ao maior emprego da capacidade instalada com a criação de uma turma suplementar de trabalho.

A situação é muito diferente no caso dos chamados bens intermediários, entre os quais podemos citar as indústrias siderúrgica, química e petroquímica, a produção de celulose etc... Com efeito, o crescimento da produção, em 1986, foi de somente 8,4%, baseando-se apenas num aumento da produtividade das fábricas e na plena utilização da capacidade de produção em setores em que existia uma pequena margem de ociosidade. Nestes setores, um aumento da produção não pode decorrer, em regra geral, da contratação de mais pessoal, porquanto representam unidades que trabalham 24 horas sobre 24, sofrendo interrupções apenas para limpeza e conservação dos equipamentos.

Neste caso, um aumento da produção somente poderia ser obtido mediante investimentos custosos e prolongado tempo de maturação. As-

sim, pode-se pensar que em 1987 qualquer aumento da demanda, mesmo limitado, envolverá graves problemas de abastecimento, os quais, desta vez, não terão origem no controle de preços mas em investimentos não realizados no passado. Tal situação está bem refletida na Sondagem Conjuntural levada a efeito pela Fundação Getúlio Vargas.

O setor dos bens intermediários, em janeiro deste ano, utilizou 90% da sua capacidade de produção, o que representa, praticamente, plena utilização, a qual nunca pode ir além de 93%. O mais importante, porém, é que no caso da indústria dos bens de consumo 66% das empresas consultadas se queixam de falta de matérias-primas, enquanto em outubro (data da Sondagem anterior) somente 57% o haviam feito, e com uma produção superior à de janeiro de 1987.

Tal evolução indica, claramente, que a indústria de bens intermediários está incapacitada de atender à demanda e que a crise poderá acen- tuar-se ante as dificuldades encon-

tradas na importação, seja por falta de financiamentos, seja por restrições quantitativas. É evidente que depois de anos em que não se fizeram investimentos neste setor, enquanto crescia a demanda, as dificuldades se avolumam. A indústria de bens intermediários cresceu 7,2% em 1985 e 8,4% em 1986, isto é, 16% em dois anos, aproveitando-se dos investimentos realizados tempos atrás. Mas não mais suporta novo aumento da demanda.

Qualquer crescimento, no momento, exigiria investimentos que somente daqui a três anos exerceriam efeito sobre a oferta. Ao presidente da República cumpre saber que o modelo de crescimento pela demanda interna poderá funcionar um ou dois anos desde que exista capacidade ociosa. Todavia, logo se esgotará. Agora, devemos preferir o modelo de crescimento pelos investimentos, o que exige maior poupança e menor consumo. O governo, com a inflação, está criando uma poupança compulsória, o que não é, certamente, a melhor maneira de promover um clima de tranquilidade social.